



CAMARADA PRESIDENTE ESCLARECE:

**Imperialismo planeou uma operação militar de grande
envergadura em homens e materiais para invadir
Angola no mês de Setembro**

24 DE FEVEREIRO DE 1977

**Ano do 1.º Congresso do MPLA da criação do Partido
e da Produção para o Socialismo**

LUCIO LARA

Eu desejo, em primeiro, lugar agradecer a prontidão com que responderam ao pedido feito, por mim para virem a esta sala, novamente, e desta vez para ouvir uma informação que nós achamos necessário dar.

A prontidão com que os camaradas embaixadores responderam a este pedido mostra bem as excelentes relações que nós mantemos com uma boa parte dos países do Mundo e que desejamos manter com outros países, desde que se respeitem os princípios das relações internacionais, geralmente aceites.

Nós temos, de facto, feito os maiores esforços para que lá onde ainda existam algumas dificuldades, onde existam algumas diferenças de opinião, essas opiniões sejam diminuídas e elas sejam ultrapassadas a bem das relações que existem entre os nossos Povos, entre o Povo da República Popular de ANGOLA e os diferentes Povos do Mundo. No entanto, nem sempre os bons desejos são realizados imediatamente. E é necessário, por vezes, também

tomar medidas de defesa para que o Povo possa viver tranquilo e com a segurança necessária.

Esta reunião é convocada porque, no dia 15 de Fevereiro passado, a quando de um comício feito em Mbanza Kongo eu falei da existência de bases de fantoches que existem em País estrangeiro, um País vizinho. Essa declaração tem sido alvo de comentários e de deturpações, que é necessário esclarecer. E perante a opinião dos Embaixadores acreditados, aqui em Luanda, eu pensei que seria o melhor lugar e a melhor ocasião para fazer esse esclarecimento.

Nós saímos duma longa guerra de libertação que teve duas fases, e durante essas duas guerras, nós perdemos homens, perdemos bens e perdemos algumas situações, para o nosso Povo, que podemos dizer, irreparáveis. Portanto, não é desejo nosso ter uma nova guerra em Angola. Não desejamos ter outra vez morticínio, nem qualquer espécie de crueldade física contra os cidadãos Angolanos. E por isso mesmo, temos o dever de, a cada momento, nos acautelarmos no que respeita à nossa defesa à defesa do Povo.

No entanto, nem sempre as nossa intenções correspondem a situação real.

E a situação real, neste momento, é que estamos preocupados por aquilo que acontece na fronteira norte. Há provocações intoleráveis. Há provocações que se repetem, quase diáriamente, e há uma atitude de hostilidade, constante, que nós não devemos desconhecer, que o Mundo não deve desconhecer.

Nós temos na fronteira Sul, evidentemente, um

inimigo de toda a África. São os racistas sul-africanos. São os inimigos declarados de África. E enquanto esse regime racista não for extinto, do nosso continente, nós não poderemos viver em paz.

Nenhum País deve considerar-se em paz enquanto tivermos um inimigo tão poderoso, tão agressivo e tão constante na sua acção hostil contra os outros Povo, como é a África do Sul.

Temos esse vizinho a ocupar o território da Namíbia, território que desenvolve uma luta pela independência, mas que, neste momento, ainda não se encontra livre. Por isso, as tropas sul-africanas ocupam o território e estão junto da nossa fronteira. Em cada dia, há mais movimentação dessas tropas. Há invasão do nosso território, por meio de grupos fantoches, treinados na Namíbia, que fazem a sua infiltração periodicamente no nosso território e que procuram principalmente destruir a nossa aliança com a SWAPO, organização que luta pela independência da Namíbia. Quer dizer; nós que somos objecto duma agressão física por parte da África do Sul, através da Namíbia. É raro o dia em que não há penetração da aviação de reconhecimento, de helicópteros, de carros e de tropas através da nossa fronteira. Nós poderemos, numa outra ocasião, precisar as datas e os locais em que essa penetração se fez.

No entanto, hoje gostaria de ser um pouco mais preciso sobre o que acontece na nossa fronteira Norte. Na fronteira Norte, temos dois vizinhos. Um, a República Popular do Congo, outro a República do Zaíre. Se temos relações excelentes de cooperação,

de amizade e cada vez de uma aliança mais estreita com a República Popular do Congo o mesmo não acontece com a República do Zaíre. É certo que nós fizemos um encontro, o ano passado, para normalizar as relações. Nós fizemos esse encontro nós com toda a sinceridade e com todo o desejo duma Nação jovem, saída de uma guerra, de encontro a paz que permita a Reconstrução Nacional. No entanto, verificamos que depois de termos tido essa reunião em Brazzaville, depois de nos termos prometido de eliminar as diferenças, respeitando cada um o regime do outro País que logo a seguir houve, um chamado Congresso dos fantoches, na República do Zaíre, na sua capital, Kinshasa.

Nós devemos mencionar, aqui, que apesar disso nós fizemos algumas reuniões duma chamada «Comissão Mista», comissão que deveria portanto tratar tecnicamente dos problemas das nossas relações. Essa Comissão, entre outras coisas, deveria fazer com que os bens de Angola, que foram retirados durante a retirada do exército zairense e dos fantoches que os acompanhavam que fosse devolvidos a Angola. Os bens não são poucos. Eu vou mencioná-los, embora seja fastidioso, para que não subsista qualquer dúvida.

É que saíram bens importantes do nosso País para o Zaíre, como saíram para África do Sul, como saíram para Zâmbia aonde foram fugindo os fantoches. Felizmente agora estamos em negociações com a Zâmbia para devolução de tudo aquilo que foi levado para lá ilegalmente, veículos e outro equipamento

que saiu daqui e que será restituído. Esta é a atitude da Zâmbia. Não é atitude do Zaíre, para onde foram, pelo menos, aviões da nossa aviação civil, seis aviões três dos quais do tipo «Friendship» e além de outros que foram abusivamente retirados de Angola. Um avião «CRLEP» foi desviado em 23 de Agosto de 1975, com uma tripulação constituída pelo comandante **Nóbrega**, o copiloto **Vidal**, o mecânico **Oliveira** e duas assistentes, uma das quais, **Beatriz e Silva**, foi libertada possuímos o número de matrícula, o tipo do avião, o número de série, o ano de fábrica, o número de motor, o tipo de hélices, portanto, todas as suas características.

Um segundo avião, um «B 2 TMV». Foi desviado em 17 de Outubro de 1975, com seguinte tripulação: comandante **Mesquita**, e **Gaiosa** e mecânico **Castro**. Também possuímos todos os elementos para identificar este avião.

Um terceiro, «CRLMU», pilotado pelo comandante **Sequeira**, o copiloto **Saraiva Reis**, mecânico **Elias** e a assistente de bordo **Ferraz**, uma camarada que foi a única libertada.

Um quarto avião, «B 2 TEM», que tinha a seguinte tripulação: **João da Costa Neves Pimentel**, comandante **João Jorge de Miranda**, copiloto, e ainda quatro passageiros que depois foram libertados.

Um quinto avião, «CRLDZ», que foi aprisionado, em Tchicapa, na fronteira com a Lunda, em 18 de Setembro de 1975. Também conhecemos a tripulação desse avião: **Sandão dos Santos**, e entre os pas-

sageiros, estavam os engenheiros **Guerra, Soares Pinto e James Martin**.

Um sexto avião, «CRMLX», foi desviado do Lobi-to para Zaíre, sempre nas mesmas condições. Conhece-mos também a tripulação.

Um sétimo avião, «CRLKK», foi desviado tam-bém a partir de Angola, no distrito do Bié.

Estes aviões estão hoje a ser utilizados no Zaíre. Foram apagadas as matrículas. Foram feitas novas matrículas. E hoje estão a ser utilizados nas linhas aéreas do Zaire. E, por acaso, chegou-nos uma prova irrefutável. É que a companhia aérea «Air Congo», que era antiga designação de «Air Zaire», baseada em Leopoldville, naquela altura, agora Kinshasa, a partir do seu Aerodromo de Ndjili, recebeu a seguinte encomenda:

«Enlever l'immatriculation sur les trois avions angolais, et repeindre complètement en peinture blanche» (Retirada a matrícula aos três aviões angolanos e repintar completamente em branco). Este documento chegou-nos às mãos porque a conta foi enviada aos Transportes Aéreos Portugueses, em Lisboa, que disseram que «uma vez que os aviões são angolanos, mande-se a conta a Angola». E os números de matrículas são exactamente aqueles que nós temos aqui. Os documentos, depois estão à disposição para exame se necessário fôr.

Mas não foram só aviões. Foram inúmeras via-turas. Pelo menos quinze mil cabeças de gado foram retiradas do centro genético de Camabatela, várias

toneladas de café, não sabemos calcular exactamente quantas e milhões escudos coloniais.

É claro que, nas condições de guerra, nós tam-bém ficamos aqui com algumas mercadorias do Zaire. Não porque quizessemos, mas porque as circunstân-cias assim o exigiram.

O Zaire utilizava o nosso Caminho de Ferro de Benguela. E deixou ficar alguns produtos minerais, como cobre, manganês. Deixou ficar também vagões cisternas e outro equipamento, algum do qual, ainda se encontra aqui em Angola.

Quando se iniciaram as conversações, na Comis-são Mista, nós resolvemos ir exportando os produtos, minerais, cobre, manganês, principalmente, e devol-ver os vagões cisternas. Mas, uma vez que foi inter-rompida a conversação, sobre todo este diferendo, nós cancelamos de novo a devolução destes bens que pertencem ao Zaire. Portanto, este é um problema que existe e que nós gostaríamos de solucionar o mais depressa possível e adequada, da outra parte.

Também aprisionamos aqui nas nossas águas territoriais, alguns barcos de pesca, barcos zairenses, como aprisionamos doutras nacionalidades. Parece que é uma forma de pirataria, que se utiliza muito, uma vez que se sabe que nós ainda não temos a nossa defesa costeira bem organizada.

No entanto, gostaríamos de mostrar, aos cama-radas aqui presentes, o dispositivo militar, de que o Zaire dispõe para agir em relação a Angola.

Como disse, no dia 15 de Fevereiro, há infiltra-ção de homens, de equipamentos militar, que agem

em Angola contra os interesses do Povo Angolano e contra a República Popular de Angola.

O camarada Comandante **Monstro Imortal** poderia indicar a posição das bases que estão ao longo das nossas fronteiras e que constituem um perigo permanente, para o nosso País».

O Comandante **Monstro Imortal**, membro do Bureau Político do MPLA e Chefe do Estado Maior Geral-Adjunto das FAPLA, indicou de seguida no mapa exposto no salão, as seguintes bases:

— Base de Matadi, da «Fnlá». Base de Kamuna a 10 Kms. da fronteira de Angola, na direcção Norte de Banza Lombo.

— Base de Luando, a Sul de Matadi, na confluência dos rios Meposo e Cumbi, a 10 Kms. da fronteira.

— Base de Songololo, a 45 Kms. da fronteira na direcção Norte de Luvo.

— Base de Kuizi, a 10 Kms. da fronteira, na direcção Nordeste de Buela (aldeia angolana).

— Base de Tombo Yanga, a 300 Kms. a Leste do Necuto (Província de Cabinda).

— Base de Luali, a 30 Kms. a Leste do Lago N'Lele (Província de Cabinda).

— Base de Kay-Kazabe, a 50 kms. a Nordeste de Kinganga (Província de Cabinda).

— Base de Kaiku-Dinge, a 70 Kms. a Nordeste de Kay-Kazabe.

— Base de Vata Ukidi, a 30 Kms. a Leste de Necuto. — Base de Tshela, a 350 Kms. da fronteira, a Leste de Necuto.

Base de Kinkula, a 45 Kms. a Nordeste de Satali (Província do Uíge).

— Base Kasango-Lunda, na margem direita do Rio Cuango (Província do Uíge).

— Base de Tembo-Aluna, a Norte-Nordeste das Quedas Guilherme (Província do Uíge).

— Base da Kizamba a Leste das Quedas Guilherme.

— Base da Tchicapa, a cerca de 200 Kms. do Rio Cuango (Província do Uíge).

— Como centro principal da actividade operacional, a Base de Kinkuzo.

Há também, outra unidade da Fnlá concentrada em Kairemba.

Finda a exposição do Comandante **Monstro Imortal**, o Camarada Presidente voltou a usar da palavra, afirmando:

Algumas dessas bases não são simplesmente de fantoches mas são bases mistas, em que se encontram também soldados zairenses, como por exemplo, a base de Tsela, a leste da Província de Cabinda, como é a base de Matadi, como são outras bases de trânsito, que estão no percurso entre Kinshasa e a fronteira angolana.

Creio que o camarada Comandante **Monstro Imortal** se esqueceu de mencionar as bases que estão no Leste.

Que também, existem bases na parte Leste, em que nós temos fronteira com o Zaire e a Província de Lunda.

Mas, a maior parte das bases estão concentra-

das alí e se virmos a localização dos diferentes quartéis, em que se concentram as forças militares zai-rensens, poderemos fáclmente compreender que elas estão dispostas junto da fronteira angolana. A maior parte das forças militares, estão hoje junto à fronteira angolana e não mais a norte, embora tenham algumas forças dispersas pela região do Lago Tanganica e também mais a norte.

Chegou-nos informação, depois de nós termos conhecimento de todos estes factos, de que havia em preparativo, uma operação militar que se chamará «Operação Cobra-77» que seria realizada por elementos que nós conhecemos, todos os fantoches da Fnla, da Flec, Elp, mercenários.

Essa operação, seria naturalmente contra Angola e deveria realizar-se em Setembro, Outubro deste ano de 1977.

A operação está planeada como uma operação de grande envergadura, com a participação de aviação de carros blindados de forças marítimas. E deveria realizar a sua operação, principalmente, na Província de Cabinda, no princípio, e depois, avançar pela parte Sul do nosso território.

Estão nomeados os responsáveis por esta operação. Não vou sobrecarregar, esta informação, com a menção de todos os nomes. Mas vou pensionar apenas alguns como responsável pelos serviços de operações militares do ataque a Cabinda, que é denominado por Estado Maior Geral Três, o coronel **Mutomo Pierre**. É um técnico do estado maior geral formado em Sain Cyr, na França, e em Fort Bray.

E é técnico das operações militares. O coronel **Maiké Brown**, um americano. Está em África, juntamente com uma secção de trinta homens. O coronel **Jonhson** também americano. Que foi, em 1966/67, major e comandante dos barretes verdes americanos na guerrilha da Bolívia. O coronel **William Tompson**, responsável pelos elementos da 82.ª Divisão Aéreo-Transportada, que compreende 1200 homens.

Enfim, outros responsáveis para o reconhecimento, para administração militar, para a logística, para a cobertura marítima, para utilização da força aérea.

E esta operação foi delineada, para liquidar a República Popular de Angola, tem tomado outros nomes. Na Europa por exemplo, não se chama «Operação Cobra-77». Mas chama-se «Operação Natal em Angola».

Bom, estes são factos irrefutáveis que mais uma vez nos permitem chamar a atenção de toda a opinião internacional, para o facto de nós, em Angola, que estamos empenhados na tarefa de Reconstrução Nacional não podemos realizá-la, de uma maneira eficaz, devido exactamente a estas perturbações que nós vivemos ainda junto da fronteira.

E é um facto as infiltrações se têm feito na faixa fronteiriça Norte ou na faixa Sul. Há sinais evidentes de fantoches que são introduzidos, para produzir danos materiais, para provocar massacres nas populações e, portanto, para impedir o desenvolvimento do nosso País.

Nós fazemos esta primeira comunicação, esta

primeira advertência. Poderemos ir um pouco mais longe que é pedir a intervenção dos organismos internacionais, como a OUA ou o Conselho de Segurança da ONU, tanto mais que por exemplo, em relação à África do Sul, a Assembleia Geral das Nações Unidas, determinou que uma indemnização deveria ser dada a Angola, por causa dos danos provocados pela guerra que os sul-africanos fizeram no nosso País. É claro que em vez da indemnização, temos ainda mais ataques. Portanto, o organismo Mundial deve ter consciência da sua responsabilidade diante de tais factos.

E, não é demais para nós repetirmos os desejos de paz, de boa convivência com todos os nossos vizinhos e com todos os países do Mundo, independente do sistema que cada um adopte e o desejo de cooperação com todos.

Agradeço aos camaradas que quiseram ocorrer a esta reunião e tiveram a gentileza de prestar uma atenção permanente à exposição que acabei de fazer.

A LUTA CONTINUA

A VITÓRIA É CERTA

Composto e Impresso
nas Oficinas do «Diário de Luanda»
50.000 ex. — ABRIL de 1977



Edição do
DEPARTAMENTO DE ORIENTAÇÃO REVOLUCIONARIA
D. O. R.

FA-04
8118